

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

RAFAEL FERRAREZI

**REFLEXÕES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DO RS**

Porto Alegre

2016

RAFAEL FERRAREZI

**REFLEXÕES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DO RS**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Prof^a Orientadora: Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre
2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAFAEL FERRAREZI

REFLEXÕES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO RS

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré-requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em de de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora – Prof^a. Dra. Denise Grosso da Fonseca – UFRGS

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Francisco e minha mãe Maria Luiza, meus alicerces e principais motivadores pela continuidade dos estudos, pelo auxílio tanto psicológico como financeiro e pela paciência que tiveram que ter ao longo desses anos, meu muito obrigado, amo vocês.

Aos meus familiares, em especial meu irmão Jonathan e minha Tia Terezinha pelas palavras de motivação e gestos de carinho e aos quais também peço desculpas pela ausência em alguns momentos.

Aos meus velhos amigos, os quais até por causa da faculdade possa ter me distanciado, mas sei que posso contar em qualquer momento, e os amigos que conheci no percurso em busca dessa formação, meu muito obrigado pelas palavras de incentivo e gestos de carinho, e aos quais também peço desculpas pela ausência em alguns momentos.

A equipe diretiva e os professores do curso Pré Vestibular, Projeto Educacional Alternativa Cidadã, (PEAC), o qual batalha para que alunos de baixa renda tenham acesso ao Ensino Superior e sem o qual eu não estaria hoje a poucos passos de me formar em um curso superior.

Aos meus queridos colegas e amigos de Curso, em especial, Indiana Baum, Julia Borba e Rafael Rieth, pelo companheirismo, compromisso e conhecimentos compartilhados ao longo de nossas formações.

Aos profissionais que se tornaram amigos os quais tive a oportunidade de trabalhar e conhecer ao longo de minha formação, em especial, Altemar Sabino, Leonardo Girelli, Jéssica Weishimer, Flávia Novoa e Ronaldo de Araujo Severo pela amizade e conhecimentos compartilhados.

A um grande amigo de infância, o qual foi um dos incentivadores na escolha do curso e posteriormente foi motivador na tentativa de ingresso no curso, e mais tarde também foi colega de trabalho, Samuel Silveira por todos os motivos já citados, mas também pela amizade, pela motivação ao longo do curso e pelos conhecimentos compartilhados.

A minha amiga e namorada, Esther a qual também conheci graças a esse curso, pelo companheirismo, paciência, motivação e auxílio ao longo desses anos de graduação, te amo, amor!

À Professora Dra. Denise Grosso da Fonseca, minha orientadora. Agradeço pela paciência, dedicação e disponibilidade no auxílio durante toda a elaboração desse trabalho.

Sem vocês, nada disso seria possível. A todos, o meu muito obrigado!

Ensinar não é transferir
conhecimento, mas criar as
possibilidades para a sua própria
produção ou construção.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física. É um estudo de natureza qualitativa e a coleta de informações foi realizada através de observações, entrevistas do tipo semiestruturadas e diário de campo. Os fatores que motivaram essa pesquisa estão relacionados a questionamentos feitos pelo autor durante a graduação, os quais buscavam entender o motivo pelo qual muitos alunos não participavam das aulas. O referencial teórico utilizado abordou a juventude, a Educação Física no Ensino Médio e a não participação dos alunos nas aulas. A discussão abordou temáticas consideradas importantes na reflexão sobre a temática e as análises apontam que a não participação nas aulas pode ser atribuída a diferentes aspectos, como resistência a mudanças nas aulas de Educação Física no Ensino Médio em relação as do Ensino Fundamental; relutância a alguns tipos de contato corporal; falta de motivação para a realização das atividades propostas e o significado atribuído a algumas práticas da cultura corporal.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Médio; Não Participação.

ABSTRACT

This study aims to understand the causes which lead to High School students not to participate in Physical Education classes. It is a qualitative study and the collection of information was performed through observation, semi-structured type of interviews and field journal. The factors that motivated this research are related to inquiries by the author during the graduation, which sought to understand why many students did not attend classes. The theoretical reference addressed the youth, Physical Education in High School and the non-participation of students in classes. The discussion addressed issues considered important in the reflection on non-participation in classes and the analysis show that the non-participation in class can be attributed to different aspects, such as resistance to changes in Physical Education classes in High School in relation to the elementary school ones; reluctance to some types of body contact; lack of motivation to perform the proposed activities and the meaning attributed to some practices of the body culture.

Keywords: Physical Education; High School; Non-participation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 JUVENTUDES	14
3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS	18
4 METODOLOGIA	24
4.1 PESQUISA QUALITATIVA	24
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA	24
4.3 O PROCESSO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	25
4.4 VALIDEZ INTERPRETATIVA E CUIDADOS ÉTICOS	25
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	27
5.1 OS ALUNOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	27
5.2 CAUSAS DA NÃO PARTICIPAÇÃO	30
5.3 JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO NAS AULAS.....	33
6 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	42
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	42
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL	43
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	45
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA	47

1 INTRODUÇÃO

Ainda no Ensino Médio, como aluno, via meus colegas não participarem das aulas de Educação Física, independente do tipo de aula que estava ocorrendo. Se era uma aula mais dirigida eles não participavam e se era uma aula mais livre também não participavam. Mesmo sendo um dentre esses alunos, não tinha muito consciência das mudanças biopsicossociais ocorridas nessa fase da vida e me perguntava o porquê deles não participarem. Mais adiante, após ingressar na graduação, em muitas situações, como nas observações que tive que fazer e nas aulas que tive que ministrar, a não participação nas aulas continuava muito presente no cotidiano das escolas. Apesar de me situar num outro estágio de meu percurso formativo, não encontrava nos conhecimentos até então construídos, elementos que me permitissem compreender o comportamento dos alunos que não demonstravam interesse pelas aulas ministradas. Tais situações me levavam a perguntar por que eles não participam das aulas? O que esses alunos pensam das aulas de Educação Física? O que eles gostariam de fazer nessas aulas? O que mais influencia suas escolhas ou preferências?

É inegável a importância da Educação Física escolar não só por ser, para muitos, uma das poucas oportunidades de realizar alguma prática corporal orientada, mas principalmente por ser a disciplina que tem como um de seus propósitos, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1997), fazer com que os alunos assumam uma postura ativa, na prática de práticas corporais, consciente da importância delas na sua vida, bem como propiciar ao aluno um certo grau de autonomia para realização das mesmas, podendo, portanto, ser o principal agente incentivador de práticas corporais na fase adulta, agindo como possível promotor de saúde e na prevenção ao sedentarismo.

Nas aulas de Educação Física infelizmente ainda é muito comum vermos professores deixarem seus alunos fazerem o que querem, realizando apenas a atividade que mais gostam ou ficando parados. Aulas livres contribuem com que a grande maioria dos alunos não sejam incentivados a praticarem alguma prática corporal ou pensarem e discutirem sobre os aspectos e a importância das mesmas, fazendo com que aquele que seria um momento de construção de conhecimentos, os quais levariam os alunos a um certo grau de autonomia perante as práticas corporais, seja vazio e sem importância.

É identificada nessa fase uma diminuição na prática de atividades físicas, de acordo com Dishmas (1994, apud Darido, 2004) é importante compreender os fatores responsáveis por essa diminuição na passagem da infância para a adolescência, e desta, para a idade adulta. Evidentemente, muitas mudanças nos domínios do comportamento ocorrem nesta transição. Contudo a hipótese do autor diz respeito às experiências dos alunos durante a vida escolar, principalmente durante os anos referentes ao Ensino Médio.

[...] Observamos nas aulas de Educação Física é que apenas uma parcela dos alunos, em geral os mais habilidosos, estão efetivamente engajados nas atividades propostas pelos professores. Esses, por seu lado, ainda influenciados pela perspectiva esportivista, continuam a valorizar apenas os alunos que apresentam maior nível de habilidade, o que acaba afastando os que mais necessitam de estímulo para atividade física (DARIDO, 2004, p. 62).

Os resultados da pesquisa de Betti (1992) mostraram que os alunos identificam o professor como principal responsável pelo gostar ou não da disciplina. Na discussão a autora destaca que é mais fácil incentivar crianças do que adultos a praticarem atividade física e por isso os professores deveriam ser mais engajados em propiciar aos alunos aulas saudáveis e prazerosas.

Para Biddle, (1992, apud Darido, 2004) crianças e jovens são atraídos pelas aulas de Educação Física provavelmente pelo divertimento, prazer, melhoria das habilidades, possibilidade de vivenciar sucesso e vitória e estar com amigos, no entanto, cabe ao professor de Educação Física, com suas abordagens pedagógicas conseguir demonstrar que suas aulas são capazes de possibilitar todos esses fatores em seus alunos.

Devemos levar em consideração que alunos do Ensino Médio passam por uma série de mudanças chegadas juntamente com a adolescência e que não existe uma única forma de ser jovem, visto que todos, somos influenciados pelo meio social e pelas trocas que esse meio nos proporciona, fazendo com que o termo juventudes seja mais apropriado do que a juventude, enfatizando as diversas formas de ser jovem. (DAYREL, 2007)

Minha hipótese para a não participação dos alunos é que tais transformações fazem com que os objetivos, os interesses e gostos se alterem, colocando-os numa posição contrária a realização das aulas e também o exercício docente, a

metodologia e abordagem pedagógica adotada pelo professor. Serão essas mesmo as razões que explicam tal situação?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Identificar as razões que motivam a não participação dos jovens nas aula de Educação Física no Ensino Médio.

Discutir as concepções de juventude, buscando entender como as maneiras de ser jovem podem interferir na participação nas aulas de Educação Física.

Verificar quais práticas corporais mais atraem o jovem, hoje, e compreender os significados atribuídos por eles a essas práticas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 JUVENTUDES

Dentro das minhas hipóteses sobre a não participação dos alunos nas aulas estão as mudanças ocorridas na fase da adolescência, então, achei importante pesquisar sobre quem são esses alunos para melhor entender o motivo deles não realizarem a aula. Os alunos do Ensino Médio em geral são jovens, alguns adolescentes, que apresentam experiências de vida diferentes e que devido a isso tem uma visão de mundo diferente uns dos outros.

Segundo dados trazidos por Silva e Lopes (2009, apud IBGE, 2000), o senso demográfico do Brasil no ano de 2000, mostrou que 20% da população é composta de jovens entre 15 e 24 anos, totalizando cerca de 34 milhões de indivíduos nessa faixa etária. A juventude é acompanhada do início da adolescência, sendo que alguns autores se referem à juventude e adolescência, como sendo sinônimos. Neira (2007) destaca as diferenças entre elas, refletindo sobre as origens das palavras, onde adolescência significa “crescer para maturidade”, trazendo uma ideia psicobiológica. Juventude significa aquele que não chegou à fase adulta e uma série de características comuns aos jovens.

Silva e Lopes (2009) trazem a definição segundo a organização mundial da saúde (OMS), a qual diz que, a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleraria o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência (dos 10 aos 14 anos) e de adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito de juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos.

De acordo com estudos realizados por Neira (2007), a Juventude é encarada como um momento de transitoriedade para a vida adulta, onde algumas das suas características são ligadas a ausência do que seria socialmente “adequado”, a irresponsabilidade, a indisciplina, a imaturidade são alguns exemplos,

comportamentos que para os adultos podem levar a desfechos como o uso de drogas, acidentes, gravidez precoce entre outros.

Entretanto, Silva (2013), diz que mesmo que atribuam a rebeldia, a contestação, a negação do estabelecido, aos jovens, tais comportamentos não são exclusivos dessa fase da vida, e muito menos obrigatórios da condição juvenil. E ainda afirma que essas perspectivas que padronizam os jovens, impedem que se constate a diferentes formas de se fazer jovem, dificultando ainda mais a compreensão da juventude como uma construção histórico-social.

Nesta perspectiva, Dayrell (2003), traz para discussão dois conceitos, - juventude (no singular) e juventudes (no plural) cujos sentidos representam distintas maneiras de entender esse processo ou fase do desenvolvimento humano. O autor entende que a juventude é parte de um processo mais amplo de construção dos sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um, processo que pode ser diferente para cada jovem, o qual é influenciado pelo meio social e pelas trocas que esse meio proporciona a ele. Não existe um único modo ser jovem, por isso o uso do termo juventudes e não o seu singular, enfatizando as diversas formas de ser jovem, existentes.

[...] eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém. (DAYRELL, 2003, p. 43-4).

No texto “O jovem como sujeito social” Dayrell (2003), retrata dois jovens, ambos ligados a movimentos musicais, João e Flavinho. João, o *reapper*, 22 anos, negro, trabalha desde os 13 anos e tem uma relação muito estreita com a família, com liberdade para conversar sobre qualquer coisa. Esse jovem largou a escola na 5º série, por achar que era algo distante de seus interesses, que na verdade são: sobreviver da música, casar, dar a sua mãe o que ele não teve e ser respeitado como artista.

Flavinho é *Funkeiro*, 19 anos, branco. Flavinho nunca trabalhou, e considera sua família muito fechada, comparando-a com a de seus amigos, considerada por ele, mais legais que a sua. Ele cursa o 1º ano do Ensino Médio e tem um acordo

com a mãe, de que ela o sustentará enquanto estiver na escola. No entanto, encara a escola como uma obrigação necessária que ele apenas suporta. Em vários momentos demonstra certo medo do primeiro emprego, que poderia vir a interferir na disponibilidade de se encontrar com os amigos, com a namorada e, principalmente com o grupo de *funk*, onde ele visualiza um espaço de produção de sociabilidades e como sendo o único modo de ser bem sucedido.

Tal relato contradiz a visão presente nos estudos de Neira (2007), em que a juventude é vista de forma estereotipada e caracterizada por atitudes de contestação e rebeldia, trazendo para o debate outros modos de ser jovem que embora não se apresentem de acordo com modelos tradicionalmente aceitos, revelam posturas comprometidas com projetos de vida identificados com outras realidades culturais, apresentando atitudes de responsabilidade e comprometimento com os papéis assumidos.

Considerando as diversas formas de viver a juventude que evidenciam, que desvelam, a existência de juventudes, podemos imaginar que a relação do jovem com a escola também modificou com o passar do tempo. Como destaca Dayrell, a escola cada vez mais é uma obrigação para os jovens, mas algo desinteressante, o que deve levar as instituições de ensino a se repensarem, visando responder aos desafios impostos por essa nova juventude.

As relações sociais dos jovens ocorrem em múltiplos espaços, entre eles a escola. Na relação dos jovens com a escola, é possível identificar um duplo movimento: o primeiro refere-se aos elevados índices de abandono escolar. O segundo é relativo a um processo de esvaziamento de significado do espaço escolar. (COSTA E KOSLINSKI, 2006 apud SILVA, 2013).

De acordo com Dayrell (2007), ser aluno é uma condição, uma posição que pode ou não ser assumida pelo jovem, e dependerá principalmente de suas pretensões futuras. Tais pretensões serão definidas principalmente pelas experiências vividas na escola e também pela possível projeção social advinda dela (STEIMBACH, 2012 apud SILVA 2013).

Para Neira (2007) a escola e a família concentram muitos de seus esforços na preparação de indivíduos capazes de exercerem plenamente seus papéis de

adultos. No entanto os jovens se encontram num momento de resignificações, de descoberta de si mesmos em um exercício totalmente voltado para o presente.

Para Neira (2007), é no processo de construção de identidades muito presente na adolescência que os jovens vão se identificando com alguns grupos sociais específicos, (skatistas, jogadores de vídeo-game, *reapers*, esportistas, rockeiros, etc), levando em consideração, principalmente, suas experiências individuais, a família e a mídia. A multiplicidade de experiências vindas desses diversos grupos sociais contribui para formação de uma cultura com fim em si mesma, a chamada cultura juvenil.

Vários cientistas sociais estruturam suas hipóteses na caracterização do período vivenciado pelo jovem como de agitação e tensão, acreditando assim em uma “cultura juvenil”. (GUIMARÃES; MACEDO, 2007)

Para Guimarães e Macedo (2007), a Necessidade de aprendizado profissional, advinda principalmente pós revolução industrial, fez com que o espaço onde os jovens passam mais tempo seja as instituições de ensino, buscando alcançar as demandas de especialidades exigidas pela sociedade. O lar passa a ser um espaço de transição, no qual os jovens se dirigem somente para dormir, fazer as refeições e trocar de roupas.

A escola é um importante espaço para construção da cultura juvenil, tendo em vista que a instituição deixou de ser somente um espaço de transmissão de conhecimentos, e passou a oferecer diversões através de esportes e peças teatrais e a ser centros de informação sobre moda, música e vestuário. Dentro da escola os jovens convivem mais tempo com sujeitos com sua mesma faixa etária e, portanto, isolados do contexto total da sociedade. A formação de grupos homogêneos proporciona ao jovem um estreitamento das relações pessoais que mantém com seu grupo, adquirindo assim características de uma “pequena sociedade particular”. Diante disso, surge nesta sociedade uma subcultura própria com seus rituais, símbolos, modas, linguajares e valores individuais (GUIMARÃES; MACEDO, 2007).

[...] jovens, junto com outros jovens, apropriam-se de valores diferentes daqueles que lhes fora apresentados pela sociedade adulta, constituindo assim uma outra pequena sociedade com a sua cultura própria, mantendo apenas alguns elos de comunicação com a sociedade externa (COLLEMAN 1967, apud GUIMARÃES; MACEDO, 2007 p. 11).

Nesse cenário que procura localizar o jovem contemporâneo, como um sujeito que assume um modo de vida com seus símbolos, culturas e valores singulares, se insere a Educação Física escolar nos desafiando a compreender como esse jovem percebe esse componente, buscando refletir em como as diversas formas de ser jovem podem afetar na participação nas aulas de Educação Física.

3.2 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/1996) o Ensino Médio, etapa final da Educação básica, tem como objetivos, consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, preparar basicamente para o mundo do trabalho, desenvolver a cidadania do educando de modo a ser capaz de se adaptar às situações de vida depois da etapa escolar e desenvolver o aluno como pessoa humana, incluindo formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Quanto à Educação Física a LDBEN estabelece que esse componente curricular seja obrigatório dentro dos currículos escolares, mas que, no entanto tenha sua prática facultativa por parte dos alunos em casos, nos quais, o estudante cumpra jornada de trabalho igual ou superior a 6 horas, que seja maior de 30 anos de idade, que esteja prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, esteja obrigado à prática da Educação Física e/ou que tenha prole.

A Resolução nº 3 de 1998 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) trazendo a concepção de áreas de conhecimento, indicando que as disciplinas identificadas nesta área, além da Língua Portuguesa, são aquelas que correspondem a outras formas de comunicação, como as artes, as atividades físicas e a informática, evidenciando a importância de todas as linguagens como partes de conhecimentos e identidades (BRASIL, 1998, p. 59).

A partir da LDBEN 9394/96 foram propostos os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNs 2000 e 2002), importante documento para subsidiar as discussões pedagógicas nas escolas o qual dá continuidade ao que propõe a versão que trata do Ensino Fundamental, objetivando que o aluno do Ensino Médio obtenha ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal de movimento.

Na continuidade do processo, a Resolução nº2/2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), reforçam a ideia de interdisciplinaridade mantendo as disciplinas escolares por áreas, confirmando a Educação Física na Área de Linguagens juntamente com Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna e Artes, dando assim uma perspectiva de integração entre as disciplinas, visto que todas fazem parte da mesma área.

No que diz respeito à legislação do Estado do Rio Grande do Sul, um documento importante e mais recente é a Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (2011-2014), a qual se propõe ao desenvolvimento de um projeto educativo apoiado no aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promovem a inserção social e a cidadania. A nova proposta está alicerçada em seis princípios orientadores, são eles: relação parte-totalidade, reconhecimento de saberes, teoria-prática, interdisciplinaridade, avaliação emancipatória e pesquisa, de uma forma geral todos trabalham com a ideia de articulação de conhecimentos e saberes.

- a) Relação Parte-totalidade: Esse princípio fala que a partir da escolha dos conteúdos curriculares é importante que haja um entendimento que cada conteúdo não se desenvolve separadamente de outros e sim que eles se articulam e fazem parte de um todo maior;
- b) Reconhecimento de saberes: É o princípio que orienta a construção curricular, partindo do pressuposto de que o saber popular transforma a realidade e dá origem ao saber científico. A escola se apresenta em um meio onde a apropriação e o diálogo entre os conhecimentos acontece, sendo assim, ela apresenta um papel importante no que diz respeito a propagação desses saberes;
- c) Teoria- prática: Este princípio diz que é preciso ter método e intenção para se modificar a realidade, pressupondo relação entre o pensamento e ação, tendo como resultado a transformação. Na realidade a teoria sem aplicação prática social se torna sem significado, e a prática separada da teoria se torna apenas atividade para execução de tarefas. Esta relação entre teoria e prática é o fundamento da transformação da realidade, levando-se em conta a sua condição sócio-histórica;

- d) Interdisciplinaridade: A interdisciplinaridade se origina no diálogo das disciplinas, no qual a comunicação é instrumento de interação com o objetivo de desvelar a realidade. Anteriormente a esse princípio o conceito de área de conhecimento, seria uma divisão, uma fragmentação, em que o todo seria dividido em partes, tendo como objetivo facilitar o aprendizado. Mas este se mostrou inadequado, pois desconstruía a possibilidade de vínculo do conhecimento com a realidade de vida, sendo insuficiente para solucionar problemas reais. A compreensão que os problemas não são resolvidos apenas à luz de uma única disciplina ou área do saber desmistifica a ideia da supremacia de uma área de conhecimento sobre outra;
- e) Avaliação emancipatória: Tem o compromisso com o desenvolvimento de capacidades e habilidades humanas para a participação social e cidadã, ou seja, democrática dos alunos, sendo a escola o espaço privilegiado para aprendizado dessas práticas. Nesse processo a avaliação emancipatória é o eixo fundamental, pois se traduz na melhor oportunidade de refletir não só sobre as aprendizagens dos alunos como também sobre as dificuldades e possibilidades de superação. Nessa perspectiva é necessário que os responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho pedagógico na escola assumam o compromisso de incorporar novas práticas avaliativas, abandonando a prática da avaliação como instrumento autoritário do exercício do poder e como função de controle;
- f) Pesquisa: A pesquisa é o processo que, integrado ao cotidiano da escola, garante a apropriação adequada da realidade, assim como projeta possibilidades de intervenção. A pesquisa pedagogicamente estruturada possibilita a construção de novos conhecimentos e a formação de sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos. A incorporação da pesquisa na prática pedagógica é a garantia da construção de novos conhecimentos, a partir da articulação da análise de seus resultados com o acúmulo científico das áreas de conhecimento, para dar conta da necessidade ou realidade a ser transformada.

Quanto ao currículo, ele é dividido em dois blocos, um de formação geral e um de formação diversificada, os quais pela transversalidade de eixos devem desenvolver projetos, os quais serão elaborados a partir de pesquisa que explicita uma necessidade e/ou uma situação problema, dentro dos eixos temáticos. Os

projetos serão construídos na disciplina de Seminário Integrado, a qual se encontra na parte diversificada. Esses projetos são coordenados por um professor orientador, mas deve ser responsabilidade de docentes que atuam na formação geral. Visando oportunizar que todos se apropriem e compartilhem do processo de construção coletiva da organização curricular, a coordenação e acompanhamento dos projetos deverá ser rotativo. (RIO GRANDE DO SUL, 2011-2014).

A Educação Física no Ensino Médio é ou pelo menos deveria ser orientada por esses documentos, no entanto, muitas vezes, mesmo com a ocorrência de novos movimentos legislativos, estes parecem não produzir mudanças significativas que impliquem positivamente na prática pedagógica e, em decorrência na melhora da participação dos alunos nas aulas. Tenório (2013) considera que a escola é o ambiente que deve se apropriar da participação como algo concreto, oportunizando vivências práticas de maneira contextualizada e sistematizada.

Segundo Oliveira e Hermont (2012), num sentido amplo, para além das aulas de Educação Física, a experiência participativa propicia aos alunos desenvolvimento de valores relacionados à cidadania como o respeito pelas diferenças além de ser capaz de potencializar os processos de aprendizagem, contribuindo assim para um desenvolvimento mais amplo do jovem.

A noção de participação é ampla e diversa. Há vários sentidos para a palavra participação e várias formas de realizá-la. Em um sentido mais amplo, a participação nos remete a ideia de adesão das pessoas em agrupamentos produzidos nas variadas dimensões de organização da sociedade. Em um sentido mais estrito, a noção de participação nos remete à presença ativa dos cidadãos nos processos decisórios das sociedades. (OLIVEIRA; HERMONT, 2012, p. 3)

No estudo de Pereira e Moreira (2005), no qual foram observadas 80 horas aula, identificaram que 46 % das aulas não tiveram total participação dos alunos, sendo que 37,5% delas já começaram sem a participação total dos alunos. De acordo com os autores o abandono da atividade durante seu decorrer pode ser devido à falta de motivação e interesse dos alunos diante das estratégias adotadas pelo professor, mesmo que isso não seja uma justificativa aceitável.

Em relação aos conteúdos trabalhados, destacam-se as práticas esportivas, as quais ocorreram em 75% das aulas dando a impressão de que aula de Educação

Física é sinônimo de esporte (PEREIRA; MOREIRA, 2005). Os autores não deixam claro se as aulas eram livres ou conduzidas pelo professor, mas tendo em vista as discussões trazidas por eles dá para presumir que eram livres, visto que destacam, citando Kunz (1994) a importância que os alunos adquiram autonomia para poder entender o jogo e em seguida transformá-lo. Essa autonomia tornaria a aula muito mais prazerosa, pois o aluno seria o sujeito principal, uma vez que o professor seria mediador entre o aluno e o conhecimento.

Para Cruz de Oliveira (2010, apud Tenório 2013), a ausência de aprendizagem, a falta de avaliação e uma prática não diretiva do educador são aspectos relevantes que caracterizam a área de Educação Física escolar atualmente, o que podem justificar a não participação dos alunos nas aulas. O autor também destaca que os problemas da Educação Física são frutos de construções históricas, portanto não podem ser analisados de forma superficial.

No estudo de Pereira e Moreira (2005) eles também aplicaram um questionário que perguntava qual o motivo da participação dos alunos nas aulas de Educação Física e se seus interesses eram atendidos com elas. Em resposta a primeira questão destacam-se as respostas “porque gostam”, com 70,6 % e a “por obrigação” com 28,5%. Os autores relatam estranheza com o resultado de 70,6% na alternativa de “porque gostam”, visto que 46% não participavam da aula, estranheza também encontrada no resultado da segunda questão, visto que, 57% dos alunos disseram ter seus interesses atendidos pelas aulas, devendo, portanto a participação ter sido maior do que a observada no estudo. Os autores concluem que a não participação dos alunos nas aulas está relacionada principalmente a uma ligação entre a conduta do professor, a proposta de conteúdos e a expectativa dos alunos quanto à aula.

Nessa direção, Dayrell (2007), fala sobre a tensão entre o ser jovem e o ser aluno em relação com o conhecimento e os processos de ensino-aprendizagem, onde os alunos citam uma distância entre o que é ensinado e a realidade deles. No entanto, reitera que o envolvimento do jovem com a aula vai levar muito em consideração como esse jovem se vê como aluno e também a capacidade dele de atribuir sentido ao que está sendo ensinado, condição especial para desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo Darido (2004), ainda muito pautados na perspectiva esportivista muitos professores acabam valorizando os alunos mais habilidosos em detrimento

daqueles menos habilidosos, os que mais precisam de estímulos para a atividade física. A autora diz que esses procedimentos levam o aluno a não participar da aula e provavelmente, não irá aderir aos programas sistematizados de atividade física.

Dentro das pesquisas sobre a participação o fator motivação também é muito estudado, Netto (2012) diz, que se faz necessário refletir sobre a prática docente, visando atender as necessidades dos alunos, estimulando o interesse pelo conhecimento a ser transmitido, buscando dessa forma aumentar a motivação e consequente participação deles nas aulas.

Maggil (1984) lembra que motivação está associada à palavra motivo, e esse é definido como força interior, impulso, intenção que leva alguém a fazer algo ou agir de uma certa forma. Para Campos (1995, apud Netto 2012), a motivação é importantíssima no processo educativo, visto que o indivíduo que aprende tenta alcançar uma performance e sua motivação para isso torna-se relevante. Portanto, seria de grande importância que o professor buscasse meios para manter os alunos motivados.

Segundo Marzinek (2004) a motivação pode ser dividida em intrínseca, que se caracteriza por uma vontade própria em realizar a atividade física e extrínseca que se caracteriza por um incentivo externo, que pode se dar através dos colegas, professores ou mesmo familiares que incentivam sua participação nas aulas de Educação Física.

4 METODOLOGIA

4.1 PESQUISA QUALITATIVA

O estudo foi realizado através de uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual segundo Neves (1996) se caracteriza pela obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto do estudo. Nas pesquisas qualitativas, geralmente o pesquisador buscará entender os fenômenos encontrados na situação estudada, e com base nisso situar sua interpretação dos fenômenos estudados.

A pesquisa qualitativa lida com a subjetividade, portanto implica organicamente os sujeitos que a empreendem. Também coloca a relação epistemológica, ao mesmo tempo uma relação de poder, sujeito-objeto de investigação em níveis de simetria aceitáveis, diferentemente de outros desenhos metodológicos, que a instrumentalizam de modo perverso, transformando o objeto de investigação e seus colaboradores em função dos objetivos do pesquisador.” (GOELLNER et al. 2010, p. 381-382)

Este estudo descreveu, analisou e interpretou as informações obtidas durante o processo investigatório, com base na pesquisa qualitativa, tentando contextualizá-las, conforme menciona Negrine (2010), como características desse tipo de pesquisa.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram selecionados 8 estudantes do Colégio Estadual Padre Rambo, os quais foram escolhidos a partir das observações previamente realizadas. A escolha da escola se deu pelo fato de ser perto da ESEFID e do meu local de trabalho e também por eu ter realizado o estágio curricular nessa instituição.

A escola se caracteriza por oferecer somente o Ensino Médio, o que faz com que os alunos do 1º ano sejam todos novos na escola, vindos de vários bairros localizados na região geográfica da escola e alguns inclusive da cidade de Viamão.

Cabe ressaltar também que no período de coleta de dados as turmas observadas estavam sendo acompanhadas por professores estagiários e pela

professora orientadora do estágio visto que o professor de Educação Física titular estava afastado por motivos de saúde.

4.3 O PROCESSO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

No que se refere aos instrumentos para a coleta de informações, foram utilizadas três ferramentas: observações de aulas, diário de campo e entrevista semiestruturada.

Para Negrine (2010, p. 66) a observação é um instrumento valioso na pesquisa qualitativa. Apesar de poder ser utilizada a partir de diferentes perspectivas ela se aplica a um objeto externo. Segundo o autor para que a observação seja utilizada como instrumento de coleta de informações, ela deve ser contínua e sistemática, para tanto, é necessário que seja intencionada e sustentada.

Foram observadas 24 aulas de quatro turmas diferentes, as quais contribuíram no direcionamento de algumas questões para a entrevista e na escolha dos oito alunos para participarem do estudo a entrevista semiestruturada.

De acordo com Negrine (2010, p. 76), nas entrevistas semiestruturadas

[...] o instrumento de coleta está pensado para obter informações concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

As entrevistas bem como as observações foram realizadas nas tardes de segundas e quartas visto que eram os dias em que as turmas tinham aulas de Educação Física, e ocorreram entre os meses de abril e maio.

Os diários de campo foram utilizados para registros e anotações suscetíveis de serem interpretados como possíveis causas da não participação dos alunos nas aulas. Também ajudaram na complementação das perguntas da entrevista.

4.4 VALIDEZ INTERPRETATIVA E CUIDADOS ÉTICOS

No que se refere os cuidados éticos e validade interpretativa, ocorreram em sua totalidade. Os alunos participantes da pesquisa assinaram termo de

consentimento livre e esclarecido, que apresentou os objetivos da pesquisa e os métodos utilizados para o seu desenvolvimento. A transcrição das entrevistas foi realizada “com fidelidade, sem alteração dos vocábulos utilizados, para que se evite a contaminação das informações” (NEGRINE, 2010, p. 80). Para tal constatação as entrevistas transcritas foram apresentadas aos alunos entrevistados para caso algo não estivesse de acordo com o relatado, isso fosse corrigido.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

A análise das entrevistas semiestruturadas e diários de campo evidenciaram alguns elementos significativos em relação aos objetivos da pesquisa, os quais organizamos em categorias, quais sejam: *os alunos e a Educação Física; causas da não participação e juventudes e participação nas aulas*, as quais passaremos a discutir em diálogo com o referencial teórico.

5.1 OS ALUNOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Esta categoria foi construída a partir das respostas dadas às perguntas sobre as experiências em aulas no Ensino Fundamental que antecederam ao Ensino Médio, atualmente em curso, e sobre lembranças positivas e negativas durante as aulas de Educação Física ao longo da escolaridade. Entendemos que as respostas a essas indagações são importante “pano de fundo” para muitas atitudes manifestadas durante as aulas. Dos oito alunos entrevistados sete relataram que as aulas, no Ensino Fundamental, eram predominantemente livres com atividades relacionadas a esportes com bolas. A fala de um dos colaboradores ilustra tal situação: *“O professor nem dava aula bem dizer, só entregava a bola e todo mundo ia correr e jogar bola”*. (Aluno 3)

O fato de as aulas do Ensino Fundamental serem predominantemente ligadas a esportes, principalmente os jogados com bola, pode explicar a preferência dos alunos entrevistados quanto ao que gostariam de trabalhar nas aulas do Ensino Médio. A fala a seguir reflete a influência de uma cultura em que a prática da Educação Física está relacionada aos esportes jogados com a bola, como única alternativa para as aulas.

[...] Acho que podia ser algo diferente assim, um vôlei, um futsal, mas essas aulas eu não to gostando[...] se tivesse aula de handebol, de basquete, de futsal, de vôlei eu faria, mas tudo nesse caminho, usando uma bola. (Aluno 8)

Importante destacar que os professores desse aluno estavam trabalhando com uma unidade didática sobre Exercício Físico, com foco em Treinamento Funcional, portanto conteúdo “sem bola”. Esse mesmo aluno declara que suas aulas

no Ensino Fundamental também eram livres, com atividades como futsal e voleibol. Ao colocar sua preferência por “algo diferente” parece se referir a algum conteúdo diferente daquele que estava sendo trabalhado pelo professor atual, mas “igual” ao que vinha sendo trabalhado no Ensino Fundamental. Portanto, é possível pensar que por falta de conhecimento de outras práticas corporais, os alunos preferem as já conhecidas e já trabalhadas e, desde que sejam “com bola!”.

O aluno três depois de já encerrada a entrevista disse: *“Mais um dado pra ti pôr na pesquisa, é que aluno nenhum que ta acostumado com aulas de Educação Física só jogando bola vai fazer as aulas que são dadas aqui”*. (Aluno 3)

O aluno não faz uso desse motivo para justificar sua não participação, no entanto essa fala apresenta o motivo pelo qual ele acredita que os outros alunos não participam das aulas. Indo ao encontro, portanto do que o aluno oito apresentou, uma forte ligação com os conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental, principalmente as atividades livres jogadas com bola.

Nesse sentido, Darido (2004) discute a prática docente voltada unicamente para o esporte e que deixa de lado importantes conteúdos construídos ao longo da história da humanidade, como as danças, as lutas, os esportes ligados à natureza, os jogos, bem como o conhecimento sobre o próprio corpo.

Muitas vezes a Escola, e mais especificamente a Educação Física são os únicos espaços e momentos que os alunos têm para conhecer e praticar diferentes conhecimentos da cultural corporal de movimento. Então se reveste de grande importância que ao longo da Educação Básica eles conheçam e pratiquem diversos conteúdos ligados à cultura corporal, o que somente com a prática de esportes com bola, não irá acontecer.

Inúmeros autores têm colocado em discussão a questão das aulas livres ou também chamadas de “rola bola”. Tenório (2013) citando resultados da pesquisa de Cruz de Oliveira (2010) diz que a prática não diretiva do professor pode ser uma das causas da não participação dos alunos nas aulas de Educação Física.

O aluno dois traz uma fala bem parecida com a do aluno três: *“Lá os professores de Educação Física não se interessavam muito, eles davam uma bola para os alunos e deixava eles a aula toda jogando... parecia que eles não se importavam com a gente”*. (Aluno 2)

A fala do aluno parece indicar um professor em um estado de desinvestimento pedagógico, o qual é descrito por Machado et al. (2010), como

sendo um estado em que o professor não apresenta grandes pretensões com suas aulas e cuja prática recebe denominações como rola bola e/ou com pedagogia da sombra. Quanto à participação nessas aulas o aluno disse: “*Não, eu não participava porque eu achava uma coisa inútil que eu não ia utilizar isso pra nada*”. (Aluno 2)

A fala do aluno, portanto vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Cruz de Oliveira (2010) citada em Tenório (2013), demonstrando que aulas sem uma prática diretiva podem ser um dos motivos que levam os alunos a não participarem das aulas de Educação Física.

Um elemento que também podemos identificar nas falas dos alunos, quanto às suas aulas no Ensino Fundamental, principalmente a do aluno três, é a de uma representação de aula de Educação Física que desconstrói a visão de aula como um espaço e momento de aprendizagens. Entendendo que aquele espaço e as atividades se configuram como “não aula”, ou seja não se caracterizam como um fenômeno vivo, dotado de intencionalidade, onde as aprendizagens procuradas são fundamentais para todos alunos da turma.

Tomar a aula como “acontecimento” é reconhecê-la como um fenômeno vivo, capaz de nos surpreender (negativa ou positivamente) [...] outro elemento característico de uma aula, o convencimento de que as aprendizagens e/ou desenvolvimentos procurados são fundamentais para todos os alunos de uma turma [...] Um outro elemento que necessariamente deriva dessa concepção, é a ideia que uma aula acontece quando desempenha seu papel no projeto que articula o trabalho no médio e longo prazo, procurando oportunizar de forma efetiva a aprendizagem e/ou desenvolvimento pretendido. (GONZÁLEZ E FENSTERSEIFER, 2006)

Gonzáles e Fensterseifer (2006) falam que uma aula acontece somente quando a intervenção do professor se dá de forma intencionada buscando possibilitar ao aluno acesso a aprendizagem, no entanto aulas livres não apresentam intencionalidade diminuindo as chances de acesso à aprendizagem por parte do aluno.

A ausência de aprendizagem referente às aulas livres é abordada na fala do aluno um: “[...] *os alunos não estão aprendendo, o professor só larga uma bola ali e eles vão jogar, e só fica naquilo*”. (Aluno 1)

A relação que o aluno faz entre a não aula e ausência de aprendizagem me deixaram surpreso, no entanto na resposta da questão seguinte surgiu a resposta de

onde vem esse pensamento. “[...] daí a professora nova que entrou daí ela disse, fez uma aula diferenciada, ela explicou pra nós que só largar a bola ali e sai jogando não faz o aluno aprender”. (Aluno 1)

Essa situação demonstra a importância de o professor de Educação Física justificar sua prática, mostrar para os alunos qual a importância, onde e quando eles poderão utilizar as aprendizagens das aulas. A ausência desse entendimento foi constatada em uma aula, na qual os professores conversavam com os alunos exatamente sobre os motivos que levariam grande parte da turma a não participar das atividades, ocasião em que um aluno questionou para que utilizaria aquele conteúdo fora da escola. (DIÁRIO DE CAMPO, 20 DE ABRIL)

O aluno se referia às aulas em que os professores estavam trabalhando com o boxe, demonstrando na sua fala o significado que atribui aquela prática corporal, desconsiderando, portanto, a importância de aprender uma das mais antigas lutas da história e que se apresenta como destacada prática para os ensinamentos de valores como respeito e honra. No entanto para o aluno o boxe é:

[...] Uma coisa de agressão e isso eu não vejo respeito algum, que nem o futebol se eu te machucar, tu cair no chão, eu vou pedir desculpa pra ti, mas boxe não, é mais de contato é agressão, isso eu não gosto, não vai me levar para frente. (Aluno 4)

A fala do aluno expressa sua representação sobre uma prática da cultura corporal de movimento, a qual parece estar relacionada a uma visão de senso comum relacionando as lutas à agressão e violência. Entretanto, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (2002), a luta se caracteriza por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Desta forma se reveste de maior importância que os professores exponham seus objetivos e discutam com os alunos a fundamentação sobre os conteúdos trabalhados. Com os esclarecimentos acerca das temáticas das aulas possivelmente os alunos ressignificariam seu entendimento de qual o propósito prático, conceitual e humano das práticas trabalhadas.

5.2 CAUSAS DA NÃO PARTICIPAÇÃO

Diferentes fatores aparecem como prováveis causas da não participação, desde aspectos relacionados à motivação até questões ligadas ao corpo. Nessa perspectiva o aluno três ao responder sobre o motivo de sua não participação nas aulas respondeu: *“Porque sou tímido, não me sinto confortável e não me sinto à vontade...tipo se mexer assim ou se deitar no chão com os colegas em volta, eu acho isso muito privado, me incomoda...”* (Aluno 3)

Esse aluno declara sua timidez, e o desconforto que sente diante das possibilidades de realizar diferentes movimentos corporais que envolvam diferentes posições do corpo, bem como a presença e proximidade de colegas durante as práticas corporais desenvolvidas nas aulas.

A timidez ou o acanhamento pode ser definida como o desconforto e a inibição em situações de interação pessoal que interferem na realização dos objetivos pessoais e profissionais de quem a sofre. Caracteriza-se pela obsessiva preocupação com as atitudes, reações e pensamentos dos outros. (dicionariportugues.org acessado em 26/05/2016).

Segundo Vaz (2012), a timidez é um fator muito prevalente em adolescentes, e é possível que muitas vezes devido a esse motivo o aluno evite se expor frente aos colegas, o que acaba por levar os alunos a não participarem das aulas de Educação Física. Segundo a autora a timidez pode se confundir com a vergonha do corpo, o qual é outro fator psicológico muito comum nos adolescentes. No caso do aluno três, ele não falou em vergonha do corpo, no entanto esse fato pode estar presente também como motivo da sua não participação.

Para Nicolino (2010) o corpo tem diferentes significados, variando de acordo com o contexto histórico. A forma como ele se expressa depende dos elementos econômicos, sociais, políticos, culturais e históricos de cada sociedade. O autor destaca que nos dias de hoje, os quais apresentam um contexto capitalista, as pessoas buscam ter um corpo belo, esculpido e delineado, entendendo que esses atributos lhes farão ser mais bem aceitos pela sociedade. Nesse sentido corpos fora do padrão estabelecido como modelo de beleza, podem se sentir excluídos de situações nas quais fiquem em evidência.

A temática corpo aparece como possível motivo da não participação de alguns alunos nas aulas de jiu-jitsu de uma das turmas observadas, nessas aulas

sempre eram os mesmos alunos que não participavam e/ou que tinham maior resistência para a sua prática (DIÁRIOS DE CAMPO, 20 E 27 DE ABRIL).

O Jiu-jitsu segundo Franchini (2003) é uma luta cujo objetivo é arremessar o adversário ao solo e dominá-lo através de técnicas de imobilização, estrangulamento ou chave articular. Ela se desenvolve com agarramentos entre os lutadores e que, portanto exige um contato corporal mais próximo.

O aluno cinco, disse que não participava das aulas por achar algumas atividades constrangedoras, as quais ele não se sentia a vontade para realizar. Parece evidente que o motivo do constrangimento, pode estar relacionado ao contato direto com o corpo dos colegas, situação pouco vivenciada em práticas corporais que não sejam os esportes coletivos com bola.

A temática corpo pode ser trabalhada pelos professores visando um entendimento por parte dos alunos de como se deu a sua significação ao longo da história, tentando ressignificá-lo. Trabalhar com a ideia de que o corpo é o meio pelo qual sentimos e experimentamos o mundo e, portanto é o único meio que temos para vivenciar as diversas práticas corporais existentes pode fazer com que eles sintam-se mais a vontade e menos constrangidos com determinadas práticas.

Gonçalves (2007), diz que a escola como Instituição social tem papel importante no processo de significação do corpo pelos alunos, considerando que ela se constitui em um espaço onde se reproduzem as estruturas de dominação da sociedade, no entanto apresenta a possibilidade de transformá-las e ressignificá-las. Quanto a Educação Física o autor diz que ela deve possibilitar aos alunos uma visão do corpo fundada na totalidade humana.

Outro fator que parece levar os alunos a não participarem das aulas é ausência de vontade de fazer a aula, a qual podemos identificar como motivação. Segundo Marzinek (2004) a motivação pode ser dividida em intrínseca, que se caracteriza por uma vontade própria em realizar a atividade física e extrínseca que se caracteriza por um incentivo externo, que pode se dar através dos colegas, professores ou mesmo familiares que incentivam sua participação nas aulas de Educação Física.

O aluno cinco relatou na sua entrevista que abandonava a aula na sua metade porque as atividades iam ficando mais difíceis. Ele chega a relatar que acha as atividades legais, no entanto não sente vontade de realizá-las visto o grau de

dificuldade delas. Podemos identificar nesse caso uma diminuição na motivação intrínseca desse aluno devido ao aumento da complexidade do trabalho.

A aluna oito também demonstra em sua entrevista ter um grau de motivação intrínseca muito baixa, mas essa mais ligada aos conteúdos trabalhados nas aulas, os quais não vão ao encontro do que ele gostaria de fazer nas aulas de Educação Física.

[...] Ano passado tinha alunos da UFRGS também que nos davam aula, eu gostei bastante da aula deles, mas desde esse ano eu não to gostando muito, tanto que eu nem faço mais as aulas deles, eu acho que podia nos ensinar um esporte diferente [...] (Aluna 8)

Marzinek (2004) diz que o professor deve interferir em casos como esses, motivando os alunos, buscando a participação deles nas aulas. Se o professor motivar os alunos eles estarão agindo como uma motivação extrínseca, ou seja um incentivo externo, tal ação pode fazer com que a participação dos alunos aumente. No caso das aulas observadas, no entanto, o incentivo externo vindo do professor era praticamente inexistente, o que também foi encontrado na pesquisa de Pereira e Moreira (2005), os quais dizem que nada fizeram os professores diante da ausência ou desistência dos alunos.

O aluno sete demonstra bem a falta do incentivo externo, e mais do que isso demonstra que a ausência dele é o que justifica a sua não participação. *“[...] é que ninguém me chama, se me chama eu faço”.* (Aluno 7)

Portanto, assim como diz Marzinek (2004), é importante que o professor conheça e esteja atento aos fatores que envolvem a motivação. O professor precisa estar atento ao grupo, visto que nem todos os alunos sentem prazer e estão interessados no que está sendo trabalhado e busque alternativas para motivar seus alunos em busca de uma maior participação nas aulas.

5.3 JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO NAS AULAS

Esta categoria foi construída com base nas respostas dadas às perguntas que visavam identificar qual o contexto cultural e social dos alunos colaboradores.

A maioria dos alunos entrevistados declararam ser oriundos dos bairros da Lomba do Pinheiro e Partenon. Ambos os bairros aparecem no Mapa de Segurança

Pública e Direitos Humanos de Porto Alegre (2014), com altos índices de homicídios e tráfico de drogas o que também é relatado na fala dos alunos. Sobre o bairro Partenon o aluno três disse: “[...] *A região é bem turbulenta, dependendo da ocasionalidade as vezes e tranquilo mas nem sempre*”. (Aluno 3)

Sobre a lomba do Pinheiro, o aluno seis disse: “*É um lugar tranquilo, mas ao mesmo tempo perigoso [...] tráfico, essas mortes, esses bagulhos*”. (Aluno 6)

Sobre a oferta de equipamentos e espaços para a prática de atividades físicas os alunos citam praças, campos de futebol e as escolas que ficam abertas nos finais de semana.

Ao comentarem suas preferências sobre atividades relacionadas ao tempo em que estão fora da escola, revelam participar de diferentes atividades relacionadas a distintas manifestações culturais e religiosas. Tais dados são importantes, pois nos ajudam a entender em que contexto esses jovens cresceram e desenvolveram, visto que segundo Dayrell (2003) a juventude é parte de um processo mais amplo de construção dos sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um, processo que pode ser diferente para cada jovem, o qual é influenciado pelo meio social e pelas trocas que esse meio proporciona a ele.

Dayrell (2003) defende a existência de “juventudes” no plural entendendo que há diversas formas de viver a juventude, baseada principalmente nas experiências vividas. Nas entrevistas podemos identificar aspectos relacionados á participação deles nas aulas ligados às suas formas de serem jovens, de viverem suas “juventudes”.

O aluno quatro é envolvido com atividades ligadas ao futebol, ele relatou já ter jogado em alguns times inclusive jogando um campeonato gaúcho estando federado. No período em que estava fazendo as observações, no quadro de avisos da sala dos professores tinha um aviso que ele estava em uma semana de testes na escolinha do Grêmio e estava liberado das aulas. Na visão do aluno o esporte é a sua possibilidade de projeção social. “[...] *Acho que é uma coisa que eu posso ajudar minha mãe, que pode ajudar nós no meio de vida e eu sei que tenho capacidade e eu vou seguir firme nessa empreitada aí*”. (Aluno 4)

A visão do aluno quatro é parecida com as de Flavinho e João no texto “O jovem como sujeito social ” de Dayrell (2003), onde ambos vêm na música, João com o *reappe* e Flavinho com o *Funk*, a possibilidade de projeção social. Todos eles

acreditam que através dessas práticas podem se tornar conhecidos e ganharem a vida com isso, podendo então ajudar suas famílias.

A aluna oito é ligada atividades religiosas, ela estuda teologia e costuma se encontrar com o grupo de jovens da igreja a qual frequenta. Sobre o que ela costuma fazer nos momentos em que não está na escola, ela disse:

Sou bem caseira, eu ajudo minha mãe nos afazeres de casa, e estudo, eu estudo teologia, então praticamente eu estudo de manhã e ajudo em casa também e a tarde que venho pra cá, pra escola.
(Aluna 8)

A mãe a que ela se refere na fala, é a mãe adotiva, após o falecimento do pai e a entrada da mãe em um estágio de doença muito crítico, essa família, a qual ela já conhecia achou melhor ficar com ela por um tempo.

Para Neira (2007) os jovens se identificam com determinado grupo social através das suas experiências individuais, a família e a mídia. A fala do autor pode nos ajudar a entender o porquê os alunos quatro e oito se identificam com esses grupos sociais. O autor ainda diz que a multiplicidade de experiências vindas desses diversos grupos sociais contribui para formação da cultura juvenil.

Os grupos sociais ao qual pertencem os alunos parecem guiar suas preferências quantos as aulas de Educação Física e de práticas fora do momento escolar e também justificar a não participação nas aulas. O aluno oito, apesar de já ter dito vários motivos pelo qual não participa das aulas, listou mais um.

Primeiro pelas vestimentas, se perguntar pra todo mundo, eu sempre usei saia, ano passado eu passei em Educação Física vindo metade do ano de saia e metade de abrigo, que eu não gosto de usar. E eu não gostando das aulas deles, acho que podia ser algo diferente assim, um vôlei, um futsal, mas essas aulas eu não to gostando.
(Aluno 8)

A aluna oito faz parte de um grupo social, uma religião, que se caracteriza pelo uso de vestimentas específicas, restringindo o uso de vestuário que incluía calças por exemplo. Como dito por Neira (2007) as experiências individuais e a família são fatores importantes para a escolha do grupo social ao qual fará parte. Levando isso em consideração podemos supor que a restrição ao uso de roupas

que facilitariam os movimentos nas aulas de Educação Física pode vir a ser um motivo para a não participação.

O aluno quatro cita as atividades esportivas como suas preferidas nas aulas de Educação Física, inclusive dizendo que gostaria de aprender o *Curling*, não cita exatamente o futebol, o qual é o grupo com o qual ele é mais envolvido, no entanto é ele que aparece como o que ele mais gosta de fazer fora da escola.

O aluno um é amplamente envolvido com a capoeira, ele disse que já trabalhou com essa atividade no Ensino Fundamental, nos momentos fora da escola ele gosta de "*Fazer capoeira*", inclusive fazendo parte de um grupo de capoeira. Ele está muito ligado a esse grupo social, isso se reflete na resposta sobre qual o conteúdo que ele gostaria de trabalhar nas aulas, o qual foi a capoeira, que por coincidência era conteúdo que os professores estavam trabalhando no momento.

Os exemplos desses três alunos ajudam a explicar como se dá a identificação com determinado grupo social, a qual vai ao encontro do que é dito por Neira (2007), ou seja, ocorre a partir das experiências individuais, da família e da mídia. Também corrobora com a existência de "juventudes" proposta por Dayrell (2003), demonstrando que existem diferentes formas de se viver a juventude. A maneira de viver a juventude faz com que os jovens se identifiquem com determinado grupo social. Nessa perspectiva, as características de cada grupo podem afetar na participação nas aulas, nas preferências pelas práticas corporais e no uso do tempo livre fora da escola.

6 CONCLUSÃO

A intenção desse estudo foi compreender as possíveis causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física. Dentro das minhas hipóteses iniciais para tal compreensão estavam as transformações ocorridas na adolescência, as quais fariam com que os objetivos, os interesses e gostos se alterassem, colocando-os numa posição contrária a realização das aulas. Também o exercício docente, a metodologia e abordagem pedagógica adotada pelo professor poderiam ser fatores que levariam os alunos a não participarem das aulas

Dentro da minha primeira hipótese podemos identificar que as mudanças ocorridas na adolescência aliadas a influência do meio em que vivem dão origem a diversas formas de ser jovem fazendo com que o jovem se identifique com determinados grupos sociais. As características do meio social em que se encontram parecem guiar suas preferências de conteúdos, objetivos pessoais e na participação nas aulas, podendo sim, pôr os alunos numa posição contrária ou de resistência.

Na segunda hipótese identificamos que grande parte dos alunos veio de um Ensino Fundamental em que as aulas de Educação Física eram predominantemente livres, com atividades realizadas com bola e que talvez por esse motivo os alunos apresentem certa resistência a aulas mais dirigidas e sem bola. No entanto se o professor trabalhar com os alunos a importância das aprendizagens de outras práticas corporais fazendo com que entendam qual o propósito de sua realização bem como a importância formativa no sentido prático, conceitual e humano é possível que os alunos tenham uma maior adesão às aulas.

Entre as razões citadas como motivos da não participação nas aulas foram evidenciadas a timidez, a vergonha do corpo, o contato corporal, o significado atribuído a certas práticas corporais bem como a falta de motivação intrínseca e extrínseca, a partir de diferentes causas.

Nesse sentido, é possível depreender que a não participação nas aulas é algo muito complexo. Os fatores que levam um aluno a não participar da aula são construídos ao longo de sua vida, podendo ser influenciado por diversos fatores, sendo eles diferentes para cada um. Considerando que esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, não cabe generalizar seus achados. Portanto é importante que os professores estejam atentos às necessidades de seus alunos, bem como busque

melhor conhecê-los, visto que isso pode ajudar a identificar possíveis causas da não participação.

Por fim, acredito que esse estudo alcançou seus objetivos iniciais, mas compreendendo a complexidade do assunto, destaco que, para além dos objetivos propostos, a pesquisa mostrou a importância e a necessidade da realização de mais estudos sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

BETTI, Irene Conceição Rangel. **O Prazer em aulas de Educação Física escolar: a perspectiva discente**. 1992. 101 f. dissertação (Mestrado)- Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB Nº 3, de 26 de junho de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB/ CNE Nº 3, de 30 de janeiro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF. 2012.

DARIDO, S. C. A Educação Física na Escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista brasileira de Educação Física e esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2003, n. 24, p. 40-52.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Timidez**. Disponível em: <<http://dicionarioportugues.org/pt/timidez>>. Acesso em: 26 maio 2016.

FRANCHINI, Emerson; PEREIRA, José Nilton Campos; TAKITO, Monica Yuri. Freqüência cardíaca e força de preensão manual durante a luta de jiu-jitsu. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 65, p. 9, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. et al. Pesquisa Qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 3. trim. 2010.

GONÇALVES, Andreia Santos; DE AZEVEDO, Aldo Antonio. A Re-Significação Do Corpo Pela Educação Física Escolar, Face Ao Estereótipo De Corpo Ideal Construído Na Contemporaneidade. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p. 33-51, 2007.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: **III Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte**. Santa Maria–RS. 2006.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. Culturas Juvenis: Uma Ressignificação Contemporânea? **Travessias: unioeste**, v. 6, p.1-18, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3359>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

KOPTTIKE, Alberto; BASSANI, Fernanda. **Mapa de Segurança Pública e Direitos Humanos de Porto Alegre**. 2014. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/mapa_da_seguranca.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2016.

MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento(ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.129-147, abr. 2010.

MAGGIL, R. **A aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.

MARZINEK, A. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)– Centro de Ciências da Educação e Humanidades, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-100.

NEIRA, M. G. Aprendendo Sobre o Outro: a cultura corporal juvenil. In: NEIRA, M. G. **Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thonson Learning, 2007. p. 133-150. (Coleção Ideias em Ação).

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 2, 1996.

NICOLINO, Aline Silva; WANDERLEY, Lara; OLIVEIRA, Valleria Araujo. Concepções de corpo, Educação e Educação física no contexto escolar. In: **IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte**. 2010.

OLIVEIRA, Igor; HERMONT, Catherine. Juventudes e participação política. **Curso de Atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI**, p.1-16, Belo Horizonte, Nov. 2012. Disponível em: http://observatoriodajuventude.ufmg.br/jubemi/pdf/modulo05_04.pdf

PAULA, Margarete Vaz de; FYLYK, Elisabeth T. **Educação Física no Ensino Médio: Fatores Psicológicos**. [s.l]: [s.n.], 2012.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: Algumas considerações. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 16, n. 2, p.121-127, fev. 2005.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Educação. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada Ensino Médio**. 2011-2014.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 17, n. 2, 2010.

SILVA, Monica Ribeiro da. Juventudes e Ensino Médio: possibilidades diante das novas DCN. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. **Reestruturação do Ensino Médio**: pressupostos teóricos e desafios da prática. São Paulo: Fundação Santillana, 2013. p. 65-79.

TENÓRIO, Jederson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes da. Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas. **Ciência em Movimento**, [s. l.], v. 15, n. 31, p.71-80, fev. 2013.

TESSELE NETO, Leo José. **A participação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio: motivações intrínsecas e extrínsecas**. 2012. 38 f. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o aluno RAFAEL FERRAREZI que está desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso, através do projeto de pesquisa intitulado: **“A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”**. Nesta perspectiva solicitamos que o mesmo possa realizar observações de aulas e entrevista com os alunos desta escola.

Certos de contarmos com a sua atenção, agradecemos,

Porto Alegre, 18 de Abril de 2016.

Profa. Dr^a Denise Grosso da Fonseca
Orientadora do Trabalho

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado(a) Sr(a). Diretor(a)

O projeto *Reflexões sobre a não participação dos alunos do Ensino Médio nas aulas de Educação Física em uma escola pública estadual do rs* tem por objetivo compreender as causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física, na perspectiva da educação pública no Brasil, tendo por base a rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. É um projeto desenvolvido pelo estudante de graduação Rafael Ferrarezi, com orientação da professora Denise Grosso da Fonseca, como trabalho de conclusão de curso, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O estudo será desenvolvido através de observações de aulas de Educação Física e de entrevista com os alunos. Os alunos serão escolhidos a partir das observações previamente realizadas e acontecerão no decorrer das aulas de Educação Física. As observações ocorrerão nos períodos da disciplina.

Será mantida em sigilo a identidade da escola e dos alunos participantes da pesquisa e os dados coletados servirão exclusivamente para fins de trabalho de conclusão de curso. Todos os resultados estarão disponíveis à direção e aos professores participantes do estudo.

Eu, _____ (nome do diretor (a)),
diretor(a) da escola _____
(nome da escola) autorizo a realização da investigação *Reflexões Sobre A Não Participação Dos Alunos Do Ensino Médio Nas Aulas De Educação Física Em Uma Escola Pública Estadual Do Rs* nas dependências da escola, com a participação do estudante Rafael Ferrarezi, orientado pela professora Denise Grosso da Fonseca.

Também fui informado(a) da garantia de receber esclarecimento às perguntas e dúvidas relacionadas ao estudo; da liberdade de poder retirar o consentimento de realização desta pesquisa nas dependências da escola e da segurança da

preservação de identidade da escola e de todos os envolvidos no estudo na publicação dos dados no trabalho final.

Agradecemos vossa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos/informações, que poderão ser realizados através do telefone (51) 9311-9252 ou pelo endereço eletrônico (rafaelferrarezi_@hotmail.com) diretamente com o estudante Rafael Ferrarezi, ou pelo (51) 9323-1963, com a orientadora da pesquisa, Denise Grosso da Fonseca.

Nome da escola

Assinatura do(a) diretor (a) da escola

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, 18 de Abril de 2016.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre “REFLEXÕES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO RS”. Peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua participação.

Objetivos do Estudo:

O Projeto de Pesquisa tem como objetivo compreender as causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física.

Procedimentos/informações:

- a entrevista será realizada em local indicado pela direção da escola, e acontecerá durante uma aula de Educação Física;

- a entrevista será gravada, transcrita e a transcrição será enviada para você, que poderá aprovar, reprovar na íntegra ou em parte, além de editar trechos que você julgar conveniente;

- esta transcrição será arquivada pelos pesquisadores por tempo indeterminado e poderá vir a ser utilizada em outros estudos;

- a participação em uma entrevista deste tipo poderá implicar em algum tipo de desconforto ou constrangimento, que deverá ser imediatamente sinalizado e solicitada a interrupção;

Confidencialidade: Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade: A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta das informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Benefícios da pesquisa: Este estudo busca compreender as causas que levam os alunos do Ensino Médio a não participarem das aulas de Educação Física, tentando com os resultados da pesquisa dar subsídios para os professores de Educação Física no planejamento das aulas fazendo com que a aula seja mais atrativa para o aluno e com isso aumente a participação dos mesmos nas aulas.

Contatos:

Rafael Ferrarezi: (51) 9311-9252

Denise Grosso: (51) 9323-1963

Eu _____, Aluno do Colégio Estadual Padre Rambo, tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido das questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Assinatura:

Data: _____

Nome do Pesquisador associado:

Assinatura do Pesquisador associado:

Nome do Pesquisador responsável:

Assinatura do Pesquisador responsável:

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Em que bairro você mora?
- 4- Com quem você mora?
- 5- Em que escola você estudou no Ensino Fundamental? Como era a Educação Física nessa escola?
- 6- Você participava das aulas de Educação Física?
- Se não, por quê?
- 7- O que você mais gosta de fazer fora da Escola?
- 8- Você pratica alguma atividade física fora da Escola?
- 9- Qual a sua opinião sobre a Educação Física aqui?
- 10- Por que você não participa das aulas?
- 11- O que você gosta/ gostaria de fazer nas aulas de Educação Física?
- 12- Você lembra de ter tido alguma experiência negativa ou positiva nas aulas de Educação Física?